

Odete Cassilva



“Há ritmos que só eram tocados por mulheres e outros só por homens”

Odete Cassilva, mais conhecida por Kassilva, é percussionista, cantora e compositora angolana. É membro fundadora da banda Ukãï, composta apenas por mulheres. Na sua carreira tem apostado, na maioria dos espectáculos, na música contemporânea. Com a sua banda, Kassilva já participou em vários espaços e actividades culturais angolanas.

OC: Falando sobre os tambores angolanos, não tenho tanto conhecimento histórico nessa área, mas já tive a oportunidade de participar em alguns workshops e palestras onde falamos sobre isso e algumas oficinas, infelizmente não me lembro de alguns termos porque são em Umbundu e Kimbundu. Dizer que os tambores angolanos formam uma família, o filho, a filha, o pai e a mãe e, historicamente, há ritmos que foram tocados só por mulheres e há ritmos que eram tocados só por homens, isso tendo em conta os rituais feitos na época. Por exemplo quando se fazia o efiko, rituais femininos, eram mulheres a tocar. Então, eram ritmos que foram desenvolvidos para o núcleo feminino. Quando eram outros rituais, para homens, eram tocados ritmos que foram desenvolvidos para rituais masculinos e, então, eram homens a tocar. E outros a eram ritmos mais para comemorações, coisas festivas onde todo mundo tocava. Tanto os pais, os filhos, a prima, vizinhos, toda comunidade se metia a tocar e a dançar os mesmos ritmos. Tal como já disse, na família tambores nós temos o Ngõma, que é o macho se bem me lembro, e o Nkudi que é a fêmea ou vice-versa porque eu não me lembro bem dos termos, mas um é macho outro é a fêmea que é o Ngõma e o Nkudi. E o nome dos filhos se bem me recordo são Tati e Nzaji. Isso eu aprendi penso que já há 3 ou 4 anos num workshop com o professor Patrício Ngangula Tchichi. Já passou muito tempo e a memória me falha. Por acaso tenho uns apontamentos porque a memória me falha com relação os nomes.

P: Como é que tu achas que em termos de resistência e afirmação o tambor ou percussão ajudou a afirmar a nossa cultura identitária?

OC: Com relação a questão que fez acho que sim. O batuque, o Ngõma tem tudo a ver porque é a nossa identidade, é o que mais nos identifica. Não é a única coisa que nos identifica. É o que eu penso, mas nos identifica porque é algo que saiu de Angola e foi para outros continentes, outros países e mesmo lá não se perdeu. Só se desenvolveu e aqui nós continuamos com a matriz, tanto na estrutura física dos tambores como nos ritmos. Então, isso ajudou-nos sim a desenvolver; a patentear a nossa cultura, não só em Angola, mas também noutros países, e a preservar a nossa cultura. Levar os

batuques às comemorações festivas como o carnaval e outras comemorações nas comunidades, ajudou na passagem e transmissão do conhecimento dos tambores para os mais novos. Nós sabemos que nós não tínhamos a possibilidade de estar juntos num meio e estudarmos porque não nos era permitido; era-nos permitido simplesmente trabalhar, colher e fazer coisas que o colono mandava, mas quando chegasse a época festiva essa possibilidade de fazer essa troca, essa transmissão ajudou-nos na preservação do futuro, Isso ajuda-nos na preservação cultural e na expansão da nossa cultura e da cultura do Ngõma.

Normalmente a ideia que temos ao vermos uma pessoa a dançar e a outra a tocar é que o ritmo comanda a dança, mas na verdade na cultura angolana é o inverso: a dança comanda o ritmo porque quando ela troca de passo é que o percussionista dá a chamada para a sequência a seguir.

Ano de 2023
Entrevistadores: Eugénio Coelho

